

**GINECOCRACIA OU SOFOCRACIA?: O PAPEL POLÍTICO DAS MULHERES  
RETRATADO NAS OBRAS “A REPÚBLICA” DE PLATÃO E EM “A ASSEMBLÉIA  
DAS MULHERES” DE ARISTÓFANES**

**WANDERLEY COSTA DE OLIVEIRA**

Filósofo e Assistente Social; Mestre em Ciências das Religiões pela  
Faculdade Unida de Vitória. Email: [davegrohl2006@hotmail.com](mailto:davegrohl2006@hotmail.com)

**RESUMO**

O presente trabalho pretende abordar a discussão entre a Sofocracia e a Ginecocracia à luz das obras “*A República*” de Platão e “*As Mulheres na Assembleia*” de Aristófanes para tal efetuaremos um breve resgate da conjuntura sócio histórica da época de Platão e Aristófanes para entendermos o papel social e político da mulher na Grécia Antiga, e dessa forma delimitarmos como essas duas personalidades históricas encararam o contexto político feminino de seu tempo. Ao analisarmos os dois modelos políticos propostos pelos autores, a Ginecocracia e a Sofocracia, notamos algumas semelhanças que aproximam os dois autores de uma síntese comum que este artigo aborda a respeito do papel político das mulheres. Tal reflexão encontra-se em concordância com o apelo por uma maior e efetiva participação de mulheres no atual cenário político brasileiro no sentido de resgatar nos meandros da História, manifestações de adesão, ainda que em uma forma irônica de denúncia como o caso das comédias gregas. Busca-se nessa análise a identificação do traço feminino na Sofocracia sob a seguinte hipótese: Se seria a Ginecocracia uma ríspida resposta feminista ao machismo platônico da Sofocracia? Diante da possibilidade das duas obras terem sido lançadas no mesmo ano, a conclusão que podemos chegar é que tratou-se de um duelo ideológico que buscou legitimar ambos os discursos.

**Palavras – Chaves:** Ginecocracia. Sofocracia. Política. Contexto político feminino.

**GINECOCRACY OR SOFOCRACY? THE POLITICAL ROLE OF WOMEN  
PORTRAITED IN THE WORKS “THE REPUBLIC” OF PLATO AND THE  
“WOMENS ASSEMBLY” OF ARISTOPHANES.**

**ABSTRACT**

The present work intends to approach the discussion between Sofocracy and Gynecocracy in the light of the works "The Republic" of Plato and "The Women in the Assembly" of Aristophanes. For this, we will make a brief rescue of the socio-historical conjuncture of the time of Plato and Aristophanes to understand the social and political role of women in Ancient Greece, and thus, delineate how these two historical personalities have faced the female political context of their time. When analyzing the two political models proposed by the authors, the Gynecocracy and Sofocracy, we note some similarities that bring the two

authors closer to a common synthesis that this article approaches on the political role of women. Such reflection is in agreement with the call for a greater and effective participation of women in the current Brazilian political scene in the sense of rescuing in the meanders of History, manifestations of adhesion, although in an ironic form of denunciation as the case of the Greek comedies. In this analysis the identification of the feminine trait in the Sofocracy is sought under the following hypothesis: If Gynecocracy was a harsh feminist answer to the platonic machismo of the Sofocracy? Given the possibility that the two works were launched in the same year, the conclusion is that it was an ideological duel that tried to legitimize both discourses.

**Key-Words:** Gynecocracy, Sofocracy, Politics, Female Politic Context.

---

## INTRODUÇÃO

Como primeira iniciativa, será necessário situar a obra “*A República*” quanto a sua cronologia: Originalmente chamada de “*Politéia*” (*Πολιτεία*), “*A República*” estima – se ter sido escrita por volta de 392 a.C. e a partir da obra dividida em 10 livros trata dentre tantos assuntos, os conceitos de justiça, Epistemologia e a Política já que ela gira em torno de uma cidade ideal: A *Kallipolis* (*Καλλίπολις*), uma cidade imaginária ao qual dependeria de certas circunstâncias para torna – la real por se tratar de uma utopia. Como em grande parte das obras de Platão (428 a. C. – 348 a. C.), Sócrates figura como personagem central desta obra em diálogos com vários personagens como Gláucon, Trasímaco, Adimanto e outros.

Esta obra de Platão também era uma resposta direta a um dos opositores de Sócrates: O comediógrafo, dramaturgo e também pensador Aristófanes (447 a.C. – 386 a.C.). Aristófanes nunca poupou suas críticas ao modo de vida grego de sua época e escreveu no mesmo ano de publicação de “*A República*” a peça teatral “*As Mulheres na Assembleia*” originalmente chamada de “*Ekklesiázousai*” (“*Εκκλησιάζουσαι*”) e provavelmente encenada no mesmo ano que “*A República*” foi escrita.

## A GINECOCRACIA DE ARISTÓFANES

Na peça “*As Mulheres na Assembleia*”, Aristófanes faz uma inversão literal, uma ácida crítica ao modelo político da época que excluía as mulheres mesmo as que eram de uma certa forma consideradas cidadãs atenienses das ágoras e assembleias (*Εκκλησία*) gregas reduzindo as a meros objetos ou seres próprios para a reprodução ignorando seu caráter humano. Aristófanes

foi um dramaturgo e comediógrafo grego do qual é conhecido pelas suas pesadas críticas em formas de peças de teatro assim como seu gênero literário recheado de ironia (no sentido comum do termo) e sutileza ao posicionar – se contrário ao regime democrático grego e a vida em sociedade (a pólis). Tal criticidade à Democracia grega já encontrava – se presente em suas primeiras peças escritas como “Os Acarnenses” e “Os Cavaleiros”:

*Os Acarnenses e Os Cavaleiros*, apresenta-nos a democracia ateniense sob ótica desoladora, revelando com sátira aguda e mordaz as práticas políticas, o comportamento do povo e a figura do demagogo em seus aspectos condenáveis, pondo em questão temas significativos à reflexão ateniense. (RIVITTI, 2009, p.74)

Aristófanes em nenhum momento mostra – se amistoso com o contexto sócio – político de seu tempo. Seu estilo sempre foi o da descrição ainda que exagerada, a realidade vivida tanto pelos cidadãos quanto aos que não eram considerados cidadãos (no caso, as mulheres, estrangeiros, escravos e as crianças) e como eram poucos os considerados cidadãos atenienses aptos a fazer política eram também os únicos eleitos representantes a atuarem nas assembleias públicas ou nas *Ágoras*.

A situação da mulher grega era de um certo modo um tanto quanto desfavorável: A mulher em muitos casos sequer tinha direito à cidadania e sua participação na *Ágora* dependia fortemente da presença de um “porta voz” que obrigatoriamente deveria um homem (pai, marido, irmão, tio...) e sua voz sobretudo, era calada pela supremacia masculina sujeitando – a, conforme Pomeroy (1995, p. 62) complementa essa argumentação: “As mulheres cidadãs estavam perpetuamente sob a tutela de um homem, usualmente o pai ou, se ele estivesse morto, o próximo do sexo masculino”<sup>1</sup>

Aristófanes assistindo a todo esse cenário sócio – político propôs nessa peça a defesa de uma forma de governo entendida por Ginecocracia<sup>2</sup> ao qual conforme Strauss (1966, p. 270 tradução nossa) nos fala pois uma tentativa de buscar a igualdade democrática entre Homem e Mulher:

É uma consequência da premissa democrática quando qualificado pela outra premissa que os dois sexos são desiguais; estas duas premissas levam à questão da que o sexo é o mais igualitário e, portanto, merece governar, uma

<sup>1</sup> “Citizen women were perpetually under the guardianship of a man, usually the father or, if he were dead, the male next - of - kin” (POMEROY, 1995, p.62)

<sup>2</sup> De “Gineceu”, o lugar na casa onde as mulheres ficavam enquanto seus maridos e filhos recebiam visitas em suas casas isolando – se deles. Com isso, o termo “Gineceu” passou a ser usado em referência a tudo relacionado às mulheres.

pergunta que não pode deixar de ser respondida em favor do sexo feminino: Toda mulher compete em uma forma com todas as outras mulheres, mas nem todo homem concorre com qualquer outro homem<sup>3</sup>.

Tal afirmação de Strauss ampara – se no contexto vivido de exclusão e paternalismos presentes na estrutura social grega: Apenas as mulheres de famílias aristocráticas tinham o direito à cidadania; No entanto, não podiam participar da vida política de Atenas mas por outro lado, podiam fazer parte de tribunas em caso de convocação a um determinado fim. Ou seja, além das muitas restrições impostas, não haviam mulheres que pudessem representar politicamente os interesses de um grupo nem a elas cabendo isso aos homens que além de instruídos, detinham o conhecimento da retórica necessário para a conquista da maioria democrática capaz de consolidar determinado interesse coletivo mas no fim das contas, tal persuasão era apenas ultraje para a ascensão ao poder e igualar – se aos que em nada faziam para romper com as tradições legais desde os tempos dos primeiros legisladores gregos.

A Ginecocracia seria uma defesa política de Aristófanes favorável à participação da mulher não só nas assembleias, algo inconcebível em seu tempo, mas como transferir o comando político da cidade a ela, tornar a mulher uma governante ou aquela que pudesse não só determinar o destino da cidade quanto delas mesmas. Como em quase todas as escolhas do povo habilitavam os maus políticos ao poder e essa ação traria (como trouxe) consequências catastróficas como surgimento de tiranos ao ponto de tomar posse do espaço público a seus próprios interesses, a solução encontrada e o argumento necessário que legitimaria a Ginecocracia como sinalizava Aristófanes era entregar o poder político da cidade às mulheres:

A única salvação é entregar o governo às mulheres, que cuidarão da cidade como cuidam de suas casas. Elas têm costumes melhores que os dos homens, pois são conservadoras, fazem tudo hoje como faziam antigamente. Sendo mães, cuidarão de poupar a vida de seus filhos, dos soldados, evitando as guerras. Para conseguir dinheiro, elas são mais hábeis do que os homens, nos cargos que ocuparão não serão enganadas, já que vivem enganando os homens, conhecem os truques e saberão se defender. (POMPEU, 2004 p. 139)

A peça traz como personagem principal Praxágora a espera de algumas mulheres com quem havia marcado um encontro na porta de sua residência. No entanto, as mulheres tramaram

---

<sup>3</sup> “*is a consequence of the democratic premise when qualified by the further premise that the two sexes are unequal; these two premises lead to the question of which sex is the most egalitarian and therefore deserves to rule, a question that can not but be answered in favor of the female sex: Every woman competes in a way with every other woman, but not every man competes with every other man.*” (STRAUSS, 1966, p. 270)

uma invasão à assembleia e como era vedada a presença de mulheres na assembleia, a solução encontrada foi de entrarem mais cedo e ocuparem os lugares vestidas com as roupas de seus maridos (curiosamente, Platão teve duas discípulas dos quais elas se disfarçavam de homens para assistir às aulas. Eram Axiotheia de Flionte e Lastenéia de Mantinéia) até que os homens enfim pudessem comparecer.

As mulheres gregas em geral não tinham domínio da retórica e após algumas falharem no discurso, Praxágora decidiu ela mesma fazer o discurso. “Praxágora explica que aprendeu tais coisas conversando com seu marido sobre o que se passava nas assembleias. Todas as companheiras a aprovam e a elegem a sua líder. Elas marcham, então, para a assembleia.” (POMPEU, 2004 p. 139)

Blépiro que era marido de Praxágora e membro votante da Assembleia que não encontrou suas vestimentas para comparecer à Assembleia, teve de se vestir de mulher e sair em encontro de Praxágora. Ao sair, encontrou seu amigo chamado Cremes que também vestido de mulher, disse que a Assembleia já havia sido realizada e finalizada rapidamente. Como as mulheres eram a maioria na Assembleia pois elas estavam vestidas com as vestes de seus maridos, decidiu – se então por entregar o governo às mulheres pois Praxágora havia discursado em favor das mulheres e foi justamente por esse discurso sendo ele aceito pela maioria, o “projeto” de Ginecocracia foi aprovado.

Pompeu (2004, p. 140) afirma que após a ascensão ao poder por meio de uma manobra política e audaciosa, as medidas tomadas por Praxágoras agora no comando da cidade foram:

[...] entreguem seus bens ao governo, para que estes os reparta igualmente, e assim não haja ricos e pobres, mas que todos possam viver bem. As mulheres também serão comuns a todos os homens, mas as feias e velhas terão prioridade de satisfação sobre as mais belas e jovens. O mecanismo será o mesmo para os homens. Para reconhecer os próprios filhos, as crianças julgarão seus pais todos os homens que tiverem idade para isso. Os jovens não poderão mais bater nos velhos, pois todos os companheiros os defenderão pela possibilidade de se tratar do próprio pai. Os escravos cultivarão a terra. O único trabalho dos homens será aprontarem – se para o jantar coletivo, às seis horas da tarde. Não haverá mais intrigas judiciárias: ninguém terá dinheiro para emprestar, logo, não haverá dívidas. Quem arranjar brigas pagará a fiança com uma parte do que tiver para comer. Não haverá mais ladrões, pois não roubariam o que já é deles. Todos viverão em comum, a cidade será uma só casa, sem muros, para que todos possam ir aonde quiserem.

Nos versos 210 a 240 no discurso de Praxágora, vemos claramente a crítica de Aristófanes diretamente à sociedade grega e suas tradições quase imutáveis ao tempo:

Proponho que entreguem o governo da cidade para as mulheres. Afinal de contas, dentro de nossas casas, Elas detêm os cordões à bolsa apertada e cuidam de nossos assuntos; Suas características são bastante superiores às nossas, como eu vou explicar. Por um lado, todas elas mantêm as mesmas formas tradicionais de tingimento de lã; Você nunca vai encontrá-las tentando inovar. Esse ponto de contraste com o que a cidade faz: Se algo velho parece muito bem, isso não poderá ser mantido. Mas você tem que ser substituído por novos modelos! As mulheres se sentam e cozinham do mesmo modo de sempre. Elas levam as coisas em suas cabeças, do mesmo modo de sempre. Elas têm a *Thesmophoria* - do mesmo modo de sempre. Elas assam bolos do mesmo modo de sempre. Elas trituraram seus maridos - eles sempre têm. Elas se mantêm adúlteras às escondidas - do mesmo modo de sempre. Elas mantêm suas razões e seus segredos, do mesmo modo de sempre. Elas gostam de beber vinho puro do mesmo modo de sempre. Elas realmente gostam de serem tomadas abruptamente para o amor do mesmo modo de sempre. Por isso, vamos, homens de Atenas, a discussão está parada. Entreguem a cidade às mulheres. Não há necessidade de perguntar o quanto políticas elas são; Vamos simplesmente dar-lhes poder, lembrando-se o seguinte: Como mães de nossos filhos, elas hão de querer não só salvar as vidas dos soldados, mas como lhes enviarão os alimentos para aumentar seus mantimentos quando eles estiverem em campanha. A vantagem da mulher é em encontrar novos recursos, uma vez que no poder elas nunca seriam enganadas: Elas são muito familiarizadas com o engano! Eu não direi mais nada. Se a minha proposta for aprovada, o futuro reserva prosperidade para todos.<sup>4</sup> (ARISTÓFANES, 1999, p. 162-163 tradução nossa)

Nota – se que esta é a crítica de Aristófanes tinha em comum alguns acontecimentos históricos não descritos diretamente na obra: Na Atenas de Aristófanes e Platão, o caos estava reinante e nem mesmo o governo dos 30 tiranos impediu a decadência do regime de *pólis*. Aristófanes ao usar Praxágoras para denunciar os problemas vividos na sociedade grega em especial aos constantes conflitos com Esparta na Guerra do Peloponeso, a ineficiência dos representantes políticos em solução de problemas decorridos pela guerra como longas estiagens, violência e outros.

<sup>4</sup> *I propose we hand the city's business over to women. After all, inside our homes, They hold the purse strings tight and run our affairs their traits are quite superior to ours, As I'll explain. For one thing, all of them maintain traditional ways of dyeing wool; You'll never find them trying to innovate. Contrast that point with what the city does: If something old seems fine, it won't be kept but has to be replaced by novel schemes! The women sit and cook—they always have. They carry things on their heads—they always have. They hold the Thesmophoria—always have. They bake their pastry cakes—they always have. They grind their husbands down—they always have. They keep adulterers hidden—they always have. They keep their secret rations—they always have. They like to drink pure wine—they always have. They really love being fucked—they always have. So let us, men of Athens, halt debate and hand the city over to the women; No need to ask what policies they'll have; Let's simply give them power, remembering this: As mothers of our sons they'll want to save the soldiers' lives, but also send them food To boost their rations when they're on campaign. A woman's good at finding new resources, and once in power could never be deceived: They're too familiar with deceit themselves! I'll say no more. If my proposal's followed, The future holds prosperity for all. (ARISTOPHANES, 1999, p. 162-163)*

Contra Aristófanes, Platão usou o próprio Aristófanes em *A República* para não só “rebater” as acusações do comediógrafo como fazer uma crítica ao que o tom profanador e “imoral” ao qual Aristófanes propagava. O combate ao riso do comediógrafo foi feito com o sorriso do filósofo amparado na ideia de Bem comum. Cabe ressaltar que as ideias levantadas nessa peça, “O livro V da *República* reproduz quase exatamente algumas ideias ridicularizadas na *Assembleia das Mulheres*: a comunidade de bens, de mulheres e filhos” (POMPEU, 2004, p.141)

### **A SOFOCRACIA E O FEMININO EM “A REPÚBLICA” DE PLATÃO**

No livro V de “A República”, Platão (2001, p. 214) traz consigo a novidade antes nunca vista: A mesma educação dada aos homens ser dada às mulheres:

- Se, portanto, utilizarmos as mulheres para os mesmos serviços que os homens, tem de se lhes dar a mesma instrução.
- Tem.
- A eles foi – lhes atribuída sem dúvida a música e a ginástica.
- Foi.
- Portanto, teremos de ministrar às mulheres estas duas artes, e também a da guerra, e de nos servir disso para os mesmos propósitos.

A reação de Platão neste livro V é positiva não como sendo Aristófanes um inimigo de Sócrates mas a forma como o comediógrafo expõe as boas ideias presentes na peça. A sátira excessiva e o tratamento ridículo e absurdo dessa obra foi criticada por Platão na voz de Sócrates no que Pompeu (2004) descreve como diferença entre um problema existente na realidade na voz de um comediógrafo e de um filósofo: Está no compromisso do filósofo com a verdade, com aquilo que não leve a indignidade das pessoas e embora a intenção do comediógrafo seja de agradar um determinado público, o filósofo contenta – se em tratar dos mesmos problemas levantados com a seriedade e amor à Sabedoria sem se importar com as opiniões como são de conduta dos comediógrafos, os verdadeiros filodóxos (amantes da opinião).

Tanto a crítica de Aristófanes quanto de Platão contrapunham ao modelo de *paidéia* (“educação”) que as mulheres recebiam. Jaeger (1995, p. 46) dirá que “a arete própria da mulher é a formosura”. Não havia nenhuma ação pedagógica favorável ao intelecto feminino e sim uma formação moral voltada para uma mulher servil, iletrada e disponível ao homem

Revista Diálogos Possíveis,  
2017.

inspirada em mulheres como Penélope e Helena presentes na “Odisseia” de Homero porém em caminhos opostos:

O Culto da beleza feminina corresponde ao tipo de formação cortesã de todas as idades cavaleirescas. A mulher, todavia, não surge apenas como objeto da solicitação erótica do homem, como Helena ou Penélope, mas também na sua firme posição social e jurídica de dona de casa. As suas virtudes são, a este respeito, o sentido da modéstia e o desembaraço no governo do lar. **Penélope e muito louvada pela sua moralidade rígida e virtudes caseiras. Mesmo a pura beleza de Helena, que tantas desgraças atraíra já sobre Tróia, basta para que os anciãos da cidade se desarmem ante a sua simples presença e atribuam aos deuses todas as culpas.** (JAEGER, 1995 p. 47 grifos meus)

A novidade de Platão estava na oferta estatal da educação algo que não se viu em Aristófanos. A cidade ideal deveria ser responsável não só pela educação de todos os cidadãos quanto ao zelo de todos eles com o intuito de proporcionar a segurança e o sentimento de bem pertencer à comunidade e não ao bem individual no sentido egoísta. A educação proposta por Platão proposta no livro V e no livro VI discute – se abertamente sobre a formação dos dirigentes ou os sofocratas, não só abre um possível caminho para a Sofocracia<sup>5</sup> como também se trata de uma maneira igualitária ao dar o poder de governar a cidade às mulheres.

Uma vez que a mulher conseguisse superar as rigorosas etapas propostas por Platão e alcançasse a alma de ouro (ou seja, tornar – se uma filósofa ou se guiar pela Filosofia), ela reuniria as mesmas condições que homens teriam se eles conseguissem o mesmo tento.

Entretanto, essa passagem não seria de forma paulatina ou de medidas “democráticas” e sim em um regime rígido, austero e severo. A igualdade da qual é pregada no livro V tem por visão a mulher como um “homem de outro sexo”, no sentido que se a mulher desejasse sobretudo ser uma dirigente, cairia sobre ela as mesmas consequências a serem sentidas pelos homens não importando o quão seriam resistentes a essas etapas. Reale (2007, p. 252-253) descreve essas possíveis consequências:

a) [...] As mulheres, como os homens, se exercitarão despidas nas palestras, revestidas de virtude e não de roupas e, sem dever ocupar- se de outra coisa, tomarão parte na guarda do Estado e também na guerra (haverá somente o

<sup>5</sup> Poder político exercido por filósofos, sábios ou os governantes recorrerem à Sabedoria para orientar suas decisões voltadas ao bem comum por excelência.  
Revista Diálogos Possíveis,  
2017.

cuidado de confiar-lhes tarefas menos pesadas, em razão do seu menor vigor em relação aos homens).

b) [...] A eliminação do instituto da família para a classe dos guardiães, já que as mulheres (assim como os homens) não deverão ocupar-se de outra coisa a não ser da guarda do Estado (a família é mantida, assim como a propriedade, para a classe inferior). As mulheres dos guardiães serão comuns e também os filhos serão comuns.

Isso significa que para Platão, mesmo que haja diferenças substanciais, homens e mulheres podem ter de mesma essência humana ou ainda a *psyché* não teria uma forma coisificada a priori que a caracterizasse como sendo alma masculina e alma feminina apenas por que está contida em um corpo masculino e feminino. Apenas o corpo distinguiria os homens das mulheres uma vez que ambos são dotados de alma e caberia ao sentimento de pertença à comunidade o deslocamento das mulheres ao processo “seletivo” para as futuras dirigentes.

A natureza do homem e da mulher apenas se diferem em caráter material e corpóreo, mas em caráter intelectual, segundo Platão, os dois encontram – sem em iguais condições de assim exercer a atividade racional como uma arte. Qualquer pessoa, desde que carregue em sua essência a *epistheme* relembada e contemplada pode assumir o comando da cidade; De igual proporção se aplica às outras classes (guardiães e lavradores) já que é permitido a ascensão de almas (Ouro, Prata e Bronze) de acordo com os próprios esforços.

A preocupação inicial está em como que os guardiões serão preparados e a partir disso, cria – se um espírito de pertencimento ao coletivo em razão de até mesmo renunciar à própria vida em defesa da *Kallipolis* caso a mesma sofresse algum tipo de invasão ou tivesse de conquistar maior expansão de seu território. Ao preparar as mulheres de igual forma aos homens como guardiãs, essas mulheres estariam doando – se por completo pela honra de defender a cidade e ao mesmo tempo, seu desprendimento aos maridos e filhos se dariam em prol não apenas da cidade, mas manutenção desse bem supremo – a posse do bem que é comum aos outros ou o que podemos dizer em uma linguagem mais moderna de nacionalismo ou patriotismo.

Caso essas mulheres ou perdessem toda sua família na guerra ou elas mesmas morressem na guerra, sua dor e sua morte não seriam sentidas pois estariam acontecendo em virtude de uma causa – a dor e a morte em nome da honra de residir em *Kallipolis*. Portanto, não é possível homem e mulher em naturezas opostas ofertando a um e negando ao outro por que caso assim fosse, o destino da cidade estaria comprometido (na morte de todos os guardiões, as mulheres

e crianças seriam escravizados pelos conquistadores e a cidade por sua vez deixaria de existir) e garantindo a formação adequada, também estaria privilegiando as habilidades de ambos, principalmente das mulheres:

– [...] Contudo, há muitas mulheres que são melhores que os homens para numerosas tarefas. No entanto, de um modo geral, é como tu dizes.

– Logo, não há na administração da cidade nenhuma ocupação, meu amigo, própria da mulher, enquanto mulher, nem do homem, enquanto homem, mas as qualidades naturais estão distribuídas de modo semelhante em ambos os sexos, e a mulher participa de todas as atividades, de acordo com a natureza, e o homem também, conquanto em todas elas a mulher seja mais débil do que o homem. (PLATÃO, 2001 p. 220)

Com todas essas exigências necessárias, estaria Praxágora então apta para ser dirigente da *Kallipolis* platônica? Ou prudentemente seria possível pensarmos Praxágora como uma rainha filósofa ou uma sofocrata? Em certa medida, sim.

## **A SOFOCRACIA E A DILIGÊNCIA DE PRAXÁGORA**

Ao longo de toda a peça, Praxágora mostrou – se como uma exímia sofocrata do qual destacamos as atitudes da personagem que a encaixaria no perfil elaborado de uma dirigente ideal para a *Kallipolis* de Platão pois ao vestir – se de homem e convocar todas as mulheres a agir da mesma forma, verificamos haver três pontos cruciais em destaque:

O primeiro é o espírito de liderança e o poder de persuasão similar ao de um guerreiro pois a única forma que ela encontrou para ocupar um espaço ao qual não lhe cabia era exatamente o de vestir – se como os “cidadãos”, em um bom uso das estratégias de guerra adotadas por guerreiros experientes mesmo que seu esposo não fosse um guerreiro que do qual ela pudesse aprender táticas. A única coisa que aprendera era justamente o poder retórico de seu esposo.

O segundo ponto é a habilidade com que encarou os conflitos com os cidadãos que participavam da assembleia e o auto controle utilizado quando ovacionada por outras mulheres. Uma vez que o dirigente consegue conter – se das paixões e agir de forma racional e sábia, o dirigente não só ascenderia ao poder como conquistaria a confiança de seus conterrâneos. Nesse sentido, Praxágora desenvolveu a sabedoria que lhe era inata ou deixou –

se levar pela sua sabedoria de alma, algo que pudesse crermos que a alma de Praxágora já contemplara a Sabedoria antes mesmo de sua alma degradar – se no corpo ao qual ela recebera.

O terceiro ponto está na semelhança entre o que está por detrás do discurso de Praxágora e a proposta de Platão em dar fim às posses ou a propriedade privada. Cantarella<sup>6</sup> (1991, p.121-122) revela o outro lado da Ginococracia de Aristófanes no sentido de que a peça se aproxima e muito do que Platão propunha em *A República* e na verdade, esconde a decepção que pode ser tanto de Aristófanes à Atenas quanto do próprio Platão que poderia estar sendo satirizado na peça:

Com a vitória das mulheres, a cidade da razão desaparece da história. E Aristófanes diante desta tragédia, tentar exorcizar com risos: Em *A Assembleia das Mulheres*, elas tomaram o poder, decidindo abolir a família. Colocar em comum os bens, as terras, o dinheiro e todos os tipos de propriedade [...] Trata-se da reação amarga de quem vê afundar todos os seus ideais e sua morte, paródica e amargamente, contrapor seu comunismo e ginococracia, ou seja, de voltar às condições primitivas e a abdicação do homem para com as mulheres: Em suma a imagem refletida de uma grande civilização criada pelos homens.

Talvez por isso Platão enfatiza a capacidade feminina em tornar – se uma dirigente com uma certa ressalva pois se a mulher pode a partir da irascibilidade e a concupiscência da alma chamadas de “deslizes” igualar – se as mulheres descritas por Aristófanes na peça, elas tenderiam a se afastarem dos propósitos da cidade e aproximando – se da irascibilidade e da concupiscência, suas almas estariam corrompidas e contaminadas por esse mundo material e por isso, não poderiam ser nem guardiãs, nem sofocratas. No diálogo com Gláucon, Sócrates diz a respeito das mulheres como naturalmente inaptas a guardar a cidade:

- E não as há capazes dos exercícios físicos e da milícia, e outras incapazes da luta e que não gostam de fazer ginástica?
- Acho que sim
- Pois então! E não as há amigas do saber e outras que o detestam? E umas irascíveis, outras apáticas?

---

<sup>6</sup> *Con la victoria de las mujeres, la ciudad de la razón desaparece de la historia. Y Aristófanes, frente a esta tragedia, trata de exorcizarla con la risa: en las assembleístas, las mujeres, tomado el poder, deciden abolir la familia. poner en comun los bienes, tierras. dinero, todo tipo de propiedad [ ... ] Se trata de la amarga reacción de quien ve hundirse todos sus ideales, y a la muerte de éstos, paradójica y amargamente, contrapone su comunismo y ginococracia, es decir, vuelta a las condiciones primitivas y abdicación del hombre ante las mujeres: la imagen trastocada, en suma de una gran civilización creada por los hombres (CANTARELLA, 1991, p. 121-122)*

- Também
- Há sem dúvida a mulher guardiã e a que o não é. Ou não escolhemos para guardiões com essa natureza?
- Foi com essa
- A aptidão natural, tanto do homem como da mulher, para guardar a cidade é, por conseguinte, a mesma, excepto na medida em que a desta é mais débil, e daquele mais robusta
- Parece que sim
- Logo, devem escolher – se mulheres dessa espécie para coabitar e ajudar a guardar a cidade juntamente com esses homens, uma vez que são capazes e aparentadas com eles quanto à sua natureza. (PLATÃO, 2001 p. 221)

Se a mulher desenvolve enquanto uma cortesã por exemplo, habilidades de um guerreiro, mesmo que sua essência seja semelhante a de um guerreiro, pressupõe – se que essa mulher de uma certa forma, tem a mesma alma que em outro ciclo da vida pode contemplar o Mundo das Ideias e retornou a esse mundo com o intuito de cumprir com seu desígnio necessário:

- Portanto – prossegui eu – se se evidenciar que, ou o sexo masculino, ou o feminino, é superior um ao outro no exercício de uma arte ou de qualquer outra ocupação, diremos que se devera confiar essa função a um deles. Se, porém se vir a diferença entre consiste apenas no facto de a mulher dar à luz e o homem procriar, nem por isso diremos que está mais bem demonstrado que a mulher difere do homem em relação ao que dizemos, mas continuaremos a pensar que os nossos guardiões e suas mulheres devem desempenhar as mesmas funções. (PLATÃO, 2001 p. 218-219)

Praxágora poderia encaixar – se em alguns requisitos mas não em todos. Mas ao propor a radicalidade em lugar da sabedoria, a afastaria de ser uma sofocrata na *Kallipolis* em se tratando de um modelo político que não admite distorções morais e éticas. Praxágora estaria suscetível à tirania ou ainda a uma anarquia gineocrática que tenderia a escravizar homens, coisa do qual Platão fortemente repudia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos a partir das duas obras analisadas elementos de destaque em comum: Apesar de todos os problemas detectados e apesar de toda a crítica tecida, nenhum dos dois dá detalhes de como era a vida privada tanto dos atenienses quanto deles mesmos e grande parte da crítica ao cotidiano grego dos dois tinha como ponto de partida exatamente a vida privada que exerceria influência nas sociedades idealizadas por eles mesmos.

Dámaris González explica que a dinâmica em que se dá a peça nos remete a uma preocupação “velada” quanto a figura da família e seus valores vista por tal sociedade ou ainda uma defesa “velada” pela reputação da família que deveria ser mantida da melhor maneira possível e “[...] que nenhuma cena do teatro grego se situa dentro de casa; Ainda que o interior se revele no cenário, o limiar da casa nunca é transpassado e é considerado como o limite<sup>7</sup>” (GONZÁLEZ, 2004, p. 13)

Mesmo que a família não seja vista como um ente afetivo pela *Kallipolis*, Platão em *A República* reforça a importância da família para o surgimento da sofocrata pois a partir da administração que a mulher faz dentro de casa, vencidas todas as etapas necessárias para se tornar uma sofocrata e preferencialmente sendo a esposa dos guardiães por estar “familiarizada” ao ambiente familiar de um guerreiro e ser responsável pela harmonia da casa em tempos de crise e guerras.

E ao criticar Aristófanes, González<sup>8</sup> (2004, p. 11) faz um levantamento crítico sobre o que poderia ser real ou ficção na Ginecocracia em 3 pontos dos quais citamos apenas 2 tendo em vista a convergência de nossa análise e a crítica dessa autora estabelece – se com este trabalho:

a) Em primeiro lugar, Aristófanes, em suas comédias, apresenta um mundo impossível para remetermo – nos a um mundo real que há de transformar. Portanto, mostra uma realidade distorcida que deve abater a verdadeira realidade.

b) Uma segunda observação é que Aristófanes, em *A Assembleia das Mulheres*, não pretende subverter o papel da mulher (seja qual for, por agora), se não expor que a última esperança ou a solução dos atenienses diante da situação em que se encontravam (a Guerra do Peloponeso) é o governo realizado pelas mulheres.

---

<sup>7</sup> “[...] que ninguna escena del teatro griego se sitúa dentro de la casa; aunque sus entrañas se revelen en el escenario, el umbral de la casa nunca es transpassado y es considerado com el limite” (GONZÁLEZ, 2004, p. 13)

<sup>8</sup> a) *En primer lugar, Aristófanes, en sus comedias, presenta un mundo imposible para remitirnos a un mundo real que hay que transformar. Por tanto, muestra una realidad deformada de la que hay que entresacar la verdadera realidad;*

b) *Una segunda observación es que Aristófanes, en *Asambleístas*, no pretende subvertir el papel de la mujer (sea cual sea, por ahora), sino exponer que la última esperanza o solución de los atenienses ante la situación en la que se encontraban (la Guerra del Peloponeso) es el gobierno detentado por las mujeres. (GONZÁLEZ, 2004, p.11)*

Entretanto, mesmo que a Ginococracia de Aristófanes esteja associada a um absurdo, uma sutil paródia ao ponto de se colocar como inacreditável e totalmente irreal como descrevera González, outros fatores sociais gregos não estão tão distantes das propostas de Aristófanes como o enclausuramento intelectual em virtude das tradições antigas que retiravam das mulheres a igualdade de acesso ao mesmo conhecimento dos homens não só era flagrante como irrecusável no que diz respeito ao comportamento das tidas como cidadãs, especialmente as mais jovens:

Uma vez que as jovens cidadãs não procuravam pelas carreiras públicas que traziam status para os homens, bastava que fossem instruídas nas artes domésticas por suas mães. Enquanto seu contemporâneo masculino estava vivendo na casa de seus pais e desenvolvendo habilidades mentais e físicas, a adolescente já era casada e tinha filhos pequenos. Assim, a discrepância educativa entre a noiva e o noivo resultou em sentimentos de condescendência e paternalismo por parte do marido, e um casamento caracterizado pela falta de amizade no sentido moderno entre marido e mulher.<sup>9</sup> (POMEROY, 1995, p.74)

Reale (2007, p. 251-252) por outro lado, afirma que a proposta de Platão simplesmente era revolucionária para aquele tempo “uma vez que, em geral, o grego recolhia a mulher no recinto das paredes domésticas, confiava – lhe a administração da casa e da criação dos filhos e as mantinha longe das atividades de cultura e de ginástica, das atividades bélicas e políticas.”

As palavras de Reale reforçam o caráter revolucionário de ambos pois o cenário descrito anteriormente era o alvo tanto de Aristófanes por meio da sátira sutil cômica quanto de Platão por meio da instituição de um Estado comunitário e igualitário.

No entanto, é notório dizer que tanto em *A República* de Platão quanto *A Assembleia das Mulheres* de Aristófanes ambos contraem como pecado capital a falta de conexão com a realidade. Em análise de ambos, percebe – se pois não parecer tão convergente ou tão próximo da realidade ao qual os dois criticaram. Na prática, ambos os modos de governo

---

<sup>9</sup> *Since citizen girls were not to look forward to the public careers that brought status to men, it was sufficient for them to be instructed in domestic arts by their mothers. While her male contemporary was living in his parents' house and developing mental and physical skills, the adolescent girl was already married and had young children. Thus the discrepancy in the educational levels of men and women, added to the huge age differential between bride and groom, resulted in feelings of condescension and paternalism on the part of the husband, and a marriage characterized by a lack of friendship in the modern sense between husband and wife. (POMEROY, 1995, p.74)*

estão suscetíveis ao fracasso e na teoria, tem todos os elementos que encantaria aos ouvidos de qualquer ideologia política de gênero contemporânea como um canto da sereia sobre o rochedo.

Enquanto Aristófanes buscou de maneira indiscriminada uma rápida solução para os problemas vividos na Grécia pós – guerra e com isso recorrendo à *doxa*, Platão buscou de maneira racional e amparada no conhecimento uma solução para os mesmos problemas.

Não se sabe ao certo se ambos os autores tiveram contatos entre si para tais semelhanças estarem tão evidentes de si ou se os mesmos na verdade criticaram – se entre si. O que sabemos é que tanto a Ginecocracia quanto a Sofocracia em relação à mulher na política são modelos ideais com muitas convergências entre si. Essas propostas visaram sobretudo a descrição de uma revolução silenciosa que não saiu do campo da arte.

## REFERÊNCIAS

ARISTOPHANES, **Assembly – Women**. In: Aristophanes: Birds and Other Plays. trad. Stephen Halliwell. – New York, USA: Oxford University Press, 1999

CANTARELLA, Eva. **La Calamidad Ambigua**: condición e imagen de la mujer en la antigüedad griega y romana. – Madrid, España: Ediciones Classicas, 1991

GONZÁLEZ, Dámaris Romero. **La Asamblea de Mujeres de Aristófanes, ¿mezcla de realidad y ficción?** In: Ámbitos – Revista de Estudios de Ciencias sociales y Humanidades. n.11 (2004). p. 11-18. ISSN: 1575-2100 Universidad de Córdoba, España. Disponível em: <<http://helvia.uco.es/xmlui/bitstream/handle/10396/8726/11.1.pdf?sequence=1>> acesso em: 08. Jan. 2017

JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995

PLATÃO, **República**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 2001.

POMPEU, Ana Maria Cesar. **Aristófanes e Platão**: a justiça na pólis. 2004. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo,

2004. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-02062004-124148/>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

POMEROY, Sarah. **Goddesses, whores, wives and slaves: Women in classical antiquity.** New York, USA: Schocken Books, 1995

REALE, Giovanni. **Coleção História da Filosofia Grega e Romana. vol. III – Platão.** – São Paulo: Loyola, 2007

RIVITTI, Fernanda Yazbek. **A Democracia entre Guerra e Paz: o riso amargo de Aristófanos.** In: Revista Codex. v.1, n.2, 2009, p.73-84. Disponível em: <[http://www.lettras.ufrj.br/proaera/revistas/index.php?journal=codex&page=article&op=view&path%5B%5D=36&path%5B%5D=pdf\\_2](http://www.lettras.ufrj.br/proaera/revistas/index.php?journal=codex&page=article&op=view&path%5B%5D=36&path%5B%5D=pdf_2)> acesso em: 07. Jan. 2017

STRAUSS, Leo. **Socrates and Aristophanes.** New York, USA: Basic Books, 1966